

# A MINHA RELIGIÃO

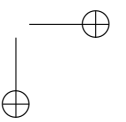
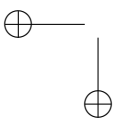
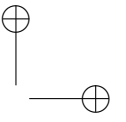
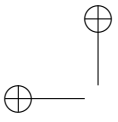


**Miguel de Unamuno**

Tradução: João da Silva Gama

Introdução: Artur Morão

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:press

Covilhã, 2008

FICHA TÉCNICA

Título: *A Minha Religião*

Autor: Miguel de Unamuno

Tradutor: João da Silva Gama

Colecção: Textos Clássicos de Filosofia

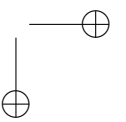
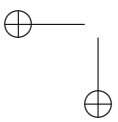
Direcção da Colecção: José M. S. Rosa & Artur Morão

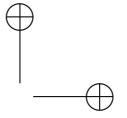
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2008





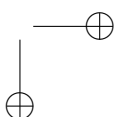
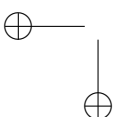
## Apresentação

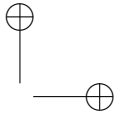
Provém este ensaio de um período decisivo da vida de Miguel de Unamuno (1864-1936): a etapa vital entre 1895 e 1905, ano da publicação de *Vida de D. Quixote e Sancho*, e marcada sobretudo pela crise espiritual de 1897. Esta expressou-se pelo abandono da concepção marxista, que ele defendera desde 1892, e pela elaboração de um pensamento que se desdobrará numa interpretação muito pessoal do cristianismo, tal como aparece em *O sentimento trágico da vida* (1913), em numerosos ensaios e, mais tarde, em *Agonia do cristianismo* (1925).

O apelo é, desde então, para a interiorização (“concentrar-se para irradiar”, “encerrar-se”), para o nome que cada um deve “redimir no permanente e eterno”, para o batalhão dos solitários a braços com a luta da existência, tentando salvar-se do nada. Em vez da promoção do conceito descarnado, da universalidade abstracta, a incitação à “tradição eterna, mãe do ideal”, que rompe a casca de todas as tradições rotineiras e multitudinárias e arroja para a refrega da vida, em cujo seio ressoa e atroa a ânsia de imortalidade. Daí, pois, o desafio da liberdade, o empenhamento na fé, a luta contra a exterioridade, a contenda com o mistério, o fomento do grito e o abandono ao coração, que vai mais fundo do que todo o esforço meramente racional ou lógico.

É neste sentido que Unamuno concebe a sua religião, o seu cristianismo “heterodoxo”, sem dogmas, sem comunidade concreta e legal, de indivíduos que formam sobretudo uma comunidade invisível dos que imitam a cruzada do “Cavaleiro Louco” e, como Jacob, lutam com Deus na noite, no risco e na incerteza.

Artur Morão





# A Minha Religião

Miguel de Unamuno

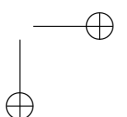
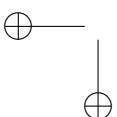
1907

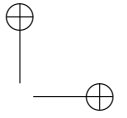
Escreve um amigo, do Chile, a dizer-me que encontrou lá algumas pessoas que, referindo-se aos meus escritos, lhe disseram: “Pois bem, no fim de contas, qual é a religião deste senhor Unamuno?” Pergunta análoga me têm dirigido aqui, várias vezes. E vou ver se consigo, não responder-lhe, o que não pretendo, mas salientar melhor o sentido desta pergunta.

Tanto os indivíduos como os povos de espírito preguiçoso – e é possível preguiça espiritual com prolíferas actividades de ordem económica e de outras análogas – propendem para o dogmatismo, saibam-no ou não; queiram-no ou não, propondo-se ou não se propondo. A preguiça espiritual foge da atitude crítica ou céptica.

Céptica – digo –, mas tomando o termo cepticismo no seu sentido etimológico e filosófico, porque céptico não quer dizer aquele que duvida, mas aquele que investiga ou rebusca, em oposição àquele que afirma e crê ter encontrado. Há quem esquadrinhe um problema e há quem nos dê uma fórmula, acertada ou não, como solução para ele.

Ao nível da pura especulação filosófica, é uma precipitação pedir a alguém soluções dadas, sempre que fez avançar a formulação de um problema. Quando se faz mal um extenso cálculo, apagar o já feito e começar de novo significa um não pequeno progresso. Quando uma casa ameaça ruína ou se torna completamente inabitável, o que se faz a seguir é derrubá-la, e nada de pedir que se





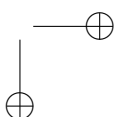
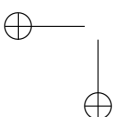
edifique sobre ela. Possível é, sim, edificar a nova com materiais da velha; mas há que derrubá-la primeiro. Entretanto, as pessoas podem albergar-se numa barraca, se não tiverem outra casa, ou dormir em campo aberto.

E é preciso não perder de vista que, para a prática da nossa vida, raramente temos de aguardar as soluções científicas definitivas. Os homens viveram e vivem sobre hipóteses e explicações pouco consistentes ou até sem elas. Para castigar o delinquente não se puseram, primeiro, de acordo sobre se este tinha, ou não, livre arbítrio, como para espirrar ninguém pensa no dano que lhe pode causar o pequeno obstáculo na garganta que o obriga ao espirro.

Os homens que defendem que, por não acreditarem no castigo eterno do inferno, seriam maus, creio – para sua honra – que se enganam. Se deixassem de crer numa sanção de além-túmulo, nem por isso se tornariam piores, mas buscariam antes outra justificação ideal para a sua conduta. Aquele que, sendo bom, acredita numa ordem transcendente, não é bom por acreditar nela, mas por ser bom é que acredita nela. Eis uma proposição que parecerá obscura ou arresvesada – tenho a certeza – aos inquiridores de espírito preguiçoso.

“Está bem – dir-me-eis –, mas qual é a tua religião?” E responderei: “A minha religião é buscar a verdade na vida e a vida na verdade, apesar de saber que não a encontrarei enquanto viver; a minha religião é lutar incessante e incansavelmente com o mistério; a minha religião é lutar com Deus desde o romper da aurora até ao cair da noite, como dizem que com Ele lutou Jacob. Não posso transigir com isso do Inconhecível – ou Incognoscível, como escrevem os pedantes – nem com aquilo do “daqui não passarás”. Recuso o eterno *ignorabimus*. E, em todo o caso, quero trepar ao inacessível.”

“Sede perfeitos como o vosso Pai que está nos céus é perfeito”, disse-nos Cristo, e semelhante ideal de perfeição é, sem dúvida, inatingível. Mas propôs-nos o inatingível como meta e termo dos



nossos esforços. E isto aconteceu, dizem os teólogos, com a graça. E eu quero travar a minha luta, sem me preocupar com a vitória. Não há exércitos, e até povos, que vão para uma derrota segura? Não elogiamos os que se deixaram matar em vez de se render? Pois esta é a minha religião.

Esses, os que me dirigem tal pergunta, querem que lhes dê um dogma, uma solução em que possa descansar o espírito na sua preguiça. E nem isto querem, mas pretendem poder encurralar-me e meter-me num das quadrículas em que colocam os espíritos, dizendo a meu respeito: é luterano, é calvinista, é católico, é ateu, é nacionalista, é místico ou qualquer destes motes, cujo sentido claro desconhecem, mas que os dispensa de pensar mais. E eu não quero deixar-me encurralar, porque eu, Miguel de Unamuno, como qualquer outro homem que aspira a uma consciência plena, sou uma única espécie. “Não há doenças, mas doentes”, costumam dizer os médicos; e eu digo que não há opiniões, mas opinantes.

Ao nível religioso, dificilmente há alguma coisa racionalmente resolvida; e como não a tenho, não posso comunicá-la logicamente, porque só é lógico e transmissível o racional. Tenho, sim, com o afecto, com o coração, com o sentimento, uma forte tendência para o cristianismo, sem me ater a dogmas especiais desta ou daquela confissão cristã. Considero cristão todo aquele que invoca, com respeito e amor, o nome de Cristo, e repugnam-me os ortodoxos, sejam católicos ou protestantes – estes costumam ser tão intransigentes como aqueles – que negam o cristianismo os que não interpretam o Evangelho como eles. Conheço um cristão protestante que nega que os unitários sejam cristãos.

Confesso sinceramente que as supostas provas racionais – a ontológica, a cosmológica, a ética, etc. – da existência de Deus não me demonstram nada; que todas as razões que se queiram dar de que existe um Deus me parecem razões baseadas em paralogismos e petições de princípio. Nisto estou com Kant. E tenho pena, ao





tratar disto, de não poder falar aos sapateiros em termos de sapataria.

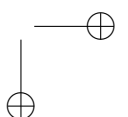
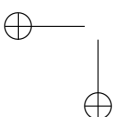
Ninguém logrou convencer-me racionalmente da existência de Deus, mas também não da sua não existência; os raciocínios dos ateus parecem-me de uma superficialidade e futilidade maiores ainda do que os dos seus contraditores. E se creio em Deus, ou pelo menos creio crer n'Ele, é, antes de mais, porque quero que Deus exista e, depois, porque se me revela, por via cordial, no Evangelho e através de Cristo e da História. É coisa do coração.

Quer isto dizer que não estou convencido disso como o estou de que dois e dois são quatro.

Se se tratasse de algo que não afectasse a minha paz de consciência e do consolo de ter nascido, provavelmente não me preocuparia com tal problema; mas como aqui está em jogo toda a minha vida interior e o meio de todo o meu agir, não posso aquietar-me com dizer: não sei nem posso saber. Não sei, é verdade; talvez nunca possa saber, mas “quero” saber. Quero-o, e basta.

E passarei a vida a lutar com o mistério e, ainda por cima, sem esperança de o penetrar, porque esta luta é o meu alimento e a minha consolação. Sim, a minha consolação. Habituei-me a extrair esperança do próprio desespero. E não gritem “Paradoxo!” os mentecaptos e os superficiais.

Não concebo um homem culto sem esta preocupação, e espero muito pouca coisa ao nível da cultura – e cultura não é mesma coisa que civilização – daqueles que vivem desinteressados do problema religioso no seu aspecto metafísico, estudando-o apenas sob o seu aspecto social ou político. Espero muito pouco para o enriquecimento do tesouro espiritual do género humano daqueles homens ou daqueles povos que, por preguiça mental, por superficialidade, por cientificismo, ou seja pelo que for, se afastam das grandes e eternas inquietações do coração. Não espero nada dos que dizem: “Não se deve pensar nisso!”. Espero menos ainda dos que crêem num céu e num inferno, como acontecia connosco quando crian-

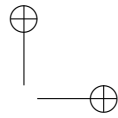


ças; e espero menos ainda dos que afirmam, com toda a gravidade do néscio: “Tudo isso não passa de fábulas e mitos; ao que morre enterram-no, e acabou-se”. Só espero dos que ignoram, mas que não se resignam a ignorar; dos que lutam sem descanso pela verdade e colocam a sua vida mais na luta do que na vitória.

E o meu maior labor foi sempre inquietar os que me são próximos, remover-lhes o descanso do coração, angustiá-los, se puder. Disse-o já, na minha *Vida de D. Quixote e Sancho*, que é a minha mais ampla confissão a tal respeito. Que eles busquem como eu busco; que lutem como eu luto, e entre todos algum cabelo do segredo arrancaremos a Deus; pelo menos, essa luta far-nos-á mais homens, homens de mais espírito.

Para esta obra – obra religiosa – foi-me necessário, em povos como os de língua castelhana, carcomidos de preguiça e de superficialidade de espírito, adormecidos na rotina do dogmatismo católico ou do dogmatismo livre-pensador ou cientificista, foi-me preciso aparecer, umas vezes, impudico e indecoroso; outras, duro e agressivo; não-raro, arrevesado e paradoxal. Na nossa minguada literatura quase se não ouvia gritar a ninguém, do fundo do coração, descompor-se, clamar. O grito era quase desconhecido. Os escritores temiam cair no ridículo. Acontecia-lhes, e ainda acontece, o que se passa com muitos que suportam no meio da rua uma afronta por temor ao ridículo de se verem com o chapéu atirado ao chão e presos por um agente policial. Eu não; quando tive vontade de gritar, gritei. Nunca o decoro me conteve. E esta é uma das coisas que não me perdoam estes meus companheiros de pluma, tão comedidos, tão correctos, tão disciplinados mesmo quando pregam a incorrecção e a indisciplina. Os anarquistas literários esmeram-se, se não noutras coisas, pelo menos na estilística e na sintaxe. E quando destoam, fazem-no harmoniosamente; os seus desacordes puxam para a harmonia.

Quando senti dor, gritei, e gritei em público. Os salmos que figuram no meu volume de *Poesias* não são mais do que gritos do

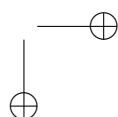
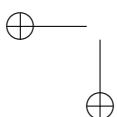


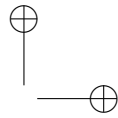
coração; com eles procurei fazer vibrar as cordas dolorosas dos corações dos outros. Se não têm essas cordas, ou se as têm tão rígidas que não vibram, o meu grito não ressoará nelas, e declararão que isso não é poesia, dedicando-se a examinar tudo acusticamente. Também se pode estudar acusticamente o grito que lança um homem quando, de repente, vê cair morto o seu filho; e quem não tiver coração ou filhos fica-se por aí.

Estes salmos das minhas *Poesias*, com várias outras composições que aí se encontram, são a minha religião, e a minha religião cantada e não exposta lógica e racionalmente. E canto-a, melhor ou pior, com a voz e o ouvido que Deus me deu, porque não a posso racionalizar. E quem descortine raciocínio e lógica, método e exegese, mais do que vida, nesses meus versos, porque neles não há faunos, dríades, silvanos, nenúfares, “absintos”, olhos glaucos e outras tolices mais ou menos modernistas, fique-se na sua, pois não lhe vou tocar no coração com arco de violino nem com martelo.

Do que fujo, repito, como da peste, é que me classifiquem. Quero morrer, ouvindo perguntar a meu respeito aos folgazões de espírito que se detenham para me ouvir: “E este senhor, que é?” Os liberais ou progressistas tontos ter-me-ão por reaccionário e, talvez, por místico – claro, sem saberem, o que é que isto significa –, e os conservadores e reaccionários tontos ter-me-ão por uma espécie de anarquista espiritual, e uns e outros por um pobre homem desejoso de se singularizar e de passar por original e cuja cabeça é uma grilharia. Mas ninguém deve preocupar-se com aquilo que dele pensem os tontos, sejam progressistas ou conservadores, liberais ou reaccionários.

E como o homem é teimoso e não costuma querer informar-se e costuma, depois de lhe terem pregado durante quatro horas, voltar ao vício, os lingüareiros, se lerem isto, voltarão a perguntar-me: “Está bem, mas que soluções trazes?” E eu, para concluir, dir-lhes-ei que, se querem soluções, vão à loja da frente, porque na minha não se vende semelhante artigo. A minha preocupação





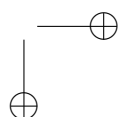
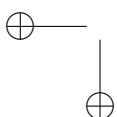
foi, é e será que aqueles que me lerem, pensem e meditem nas coisas fundamentais, e nunca foi a de lhes dar pensamentos feitos. Procurei sempre agitar e, no máximo, sugerir, mais do que instruir. Nem vendo pão, nem é pão, mas levedura ou fermento.

Há amigos, e bons amigos, que me aconselham a deixar esta tarefa, a recolher-me a fazer o que chamam uma obra objectiva, algo que seja – dizem – definitivo, algo de construção, algo duradouro. Querem dizer: algo dogmático. Declaro que sou incapaz disso e reclamo a minha liberdade, a minha santa liberdade, até a de me contradizer, se for caso disso. Não sei se algo do que fiz ou do que fizer a seguir ficará por anos ou por séculos depois da minha morte; mas sei que se se açoitar o mar sem margens, as ondas à volta movem-se sem cessar, embora tornando-se mais fracas. Agitar é alguma coisa. Se, mercê desta agitação, vier outro a seguir a fazer algo de duradouro, nele persistirá a minha obra.

É obra de suprema misericórdia despertar o adormecido e sacudir o parado; e é obra de suprema piedade religiosa buscar a verdade em tudo e descobrir, seja onde for, o embuste, a parvoíce e a inépcia.

Meu bom amigo chileno, já sabe agora o que responder a quem lhe perguntar qual é a minha religião. Muito bem: se é um desses mentecaptos que julgam que olho com maus olhos um povo ou uma pátria quando cantei as verdades a algum dos seus filhos irreflectidos, o melhor que pode fazer é não lhes responder.

Salamanca, 6 de Novembro de 1907





**[Nota do Tradutor]**

Serviu de base a esta versão o texto como surge na edição da Aguilar, *Ensayos*, tomo II, Madrid 1951, pp. 369-375.

O leitor interessado poderá encontrar o original espanhol no seguinte electro-sítio:

**[Antología del Ensayo - Miguel de Unamuno](#)**

